



ita" do que pudo ter sido e nom foi", basta chegar-nos até Pandim, perto da
ito às primeiras casas, podemos ver um cruzamento com umha indicação a
e andamos uns quilómetros, cruzamos o rio Salas deitando à direita a serra do
vento, entrando na garganta que durante muitos anos protegeu e isolou o território
as mais adiante podemos ver já duas ou três casinhas de pedra, a esquerda da estrada
pequeno palim exterior, era a antiga casa do Juiz. Este era escolhido pelos nobres
ans governativas, administrativas e judiciais, auxiliado por representantes de ca
o (homens bons).
entos de metros para a frente, encontraremos já de pleno a vila de Ruviás
to. A vila combina construções velhas com alguma outra nova nada acor
arremos polo Sul a aldeia e vemos, quase na saída, a esquerda, o que fo
A muito agradável ao lado de um forno reconstruído, que apresenta um
essa pequena praça, encontraremos umha fonte de pedra e umha plac
squerda a escola, e seguindo o cruzamento à direita, atravessarem
nservação que ainda se esforçam por manter as pedras por ess
utros tempos ligadas à condição de "Mistas". Se seguirmos por ess
a, a uns 100 metros, justo onde a estrada gira levemente antes
mente ao entrar na vila, um caminho dos de carro

A REVISTA

**Um passeio pela república esquecida Paço
FOTO-REPORTAGEM: Caminhada à p
Trevinca Pag.3 CONTRA-CAPA: Sei o
figestes nos últimos 525 anos.**

Na fria manhã do 17 de Dezembro de 1483, a cabeça de Pero Pardo de Cel
arro, começou a rodar pelas escadas da praça da Catedral de Mondom
mas a cabeça virou sobre si mesma, ganhou velocidade e
um vertiginoso espectro pelas correde
carrancudo marechal anda amolada n
thano, celebra na rua as vitórias
«comum». Até os filhos

Um passeio pola república **esquecida**

Em caminho pelas terras do Couto Misto, a velha 'Andorra' galaico-portuguesa



Em cima, placa comemorativa das Universidades de Vigo e Trás-os-Montes e Alto Douro. Embaixo, à esquerda, a Arca das três Chaves. À direita, a bancada do 'Parlamento' do Couto Misto

ALONSO VIDAL / Para dar um salto ao centro da história "do que pudo ter sido e nom foi", basta achegarnos até Randim, perto da fronteira do Gerês. Na entrada, junto às primeiras cassas, podemos ver um cruzamento com umha indicação à esquerda de Baltar. Seguimo-la e andamos uns quilómetros, cruzamos o rio Salas deixando à direita a serra do Larouco, inçada de moinhos de vento, entrando na garganta que durante muitos anos protegeu e isolou o território do Couto Misto. Uns quilómetros mais adiante podemos ver já duas ou três casinhas de pedra, à esquerda da estrada. Umha delas, a que tem um pequeno patim exterior, era a antiga casa do Juiz. Este era escolhido polos habitantes do povo e exercia as funções governativas, administrativas e judiciais, auxiliado por representantes de cada umha das três aldeias

do Couto (homens bons).

Se continuarmos uns centos de metros para a frente, encontraremos já de pleno a vila de Ruvíás, a primeira das três que formam o Couto. A vila combina contruções velhas com algunha outra nova nada acorde com o ambiente que a rodeia. Percorremos polo Sul a aldeia e vemos, quase na saída, à esquerda, o que foi a antiga escola, sita numa envolvência muito agradável ao lado de um forno reconstruído, que apresenta uns curiosos contrafortes. Se passarmos por essa pequena praça, encontraremos umha fonte de pedra e umha placa dos amigos do Couto Misto. Deixando à esquerda a escola, e seguindo o cruzamento à direita, atravessaremos a aldeia entre casas em mal estado de conservação que ainda se esforçam por manter as pegadas do rico comércio que antigamente dava vida às vilas noutros tempos ligadas à condição de

"Mistas". Se seguirmos por essa rua, encontraremos já fora das casas da aldeia, a uns 100 metros, justo onde a estrada gira levemente antes de se encontrar com a que deixáramos previamente ao entrar na vila, um caminho dos de carro, agora recuperado para passeios.

Trata-se do famoso Caminho Privilegiado que comunicava o Couto com a vila portuguesa de Tourém, atravessando terras galegas de Randim num percurso duns seis quilómetros e estava a salvo dos guardas fronteiriços. Se o seguirmos, num agradável passeio chegaríamos perto de um armazém a meio caminho entre Santiago e Meaus.

Se ainda nom estivermos muito cansados, poderemos continuar. Virando para a esquerda chegaremos nuns minutos a Meaus, e poderemos desfrutar de ruas empedradas e casas blasonadas, para acompanhar a formosa vista

sobre o vale do Salas. Se no final do caminho privilegiado escolhermos virar para a direita, encararemos a segunda das vilas do Couto, a capital do território: Santiago de Ruvíás. Podemos ter umha linda panorâmica da vila enquanto vamos caminhando pola estrada recta à que chegamos ao deixar o caminho privilegiado.

Ficam apenas cem metros para encontrar o cruzamento da estrada com a saída de Randim e que vai para Baltar, aquela que nós deixáramos ao entrar em Ruvíás para seguir o caminho privilegiado. Justamente em frente temos as primeiras casas de Santiago. Com pouco esforço conseguiremos transportar-nos mentalmente à Idade Média e imaginamo-nos acedendo à capital de um minúsculo país perdido na memória. Com ruas abafadas por paredes de pedra, chegamos a umha pequena praça com um lavadeiro coberto ao pé dumha

fonte franquista. Polas escadas do lado podemos aceder, abrindo umha pequena cancela, ao recinto da igreja. As casas, de pedra com reformas caprichosas de janelas e portas que vam marcando a passagem do tempo, apinham-se ao seu redor. Temos que buscar a entrada principal da pequena igreja. Deveremos entrar na sua sacristia para ver a arca das três chaves. Fora da igreja, em frente fica a bancada de pedra que constitui o que poderíamos chamar de "parlamento" do Couto. Nom podemos evitar pensar que enquanto a Europa estava regida por monarquias divinas e absolutas, neste pequeno recanto se exercia umha sorte de assemblearismo. O viajante pode sentar e imaginar umha cena de há centos de anos, onde os vizinhos das três aldeias se reuniam aqui para tratar, simplesmente, do seu governo. Democracia directa. Democracia perdida



Caminhada à Pena Trevinca

FOTO-REPORTAGEM

FOTOS E TEXTO DE SOLE REI
Depois dum Agosto passado por água, Setembro pode ser um bom mês para se aventurar pelas corredeiras e botar-se ao monte. Para os

que gostem dos passeios agradáveis, o percurso da portela da Fonte da Cova, no concelho de Carvalheda do Vale d'Eorras, à Pena Trevinca, resulta uma linda

caminhada em que as mudanças na vegetação e as vistas das penas ao longe não deixam lugar para o aborrecimento. Aqui vão algumas instantâneas do que lá podeis

encontrar. As imagens foram tiradas no mês de Agosto, mas se vos adiantais aos frios do Inverno é seguro que ainda encontrareis campos floridos.



Apesar do tremendo impacto das louseiras, que cada vez vão comendo mais as entranhas do maciço da Pena Trevinca e que é impossível obviar na primeira parte da caminhada, basta avançar um pouco para desfrutar das vistas desde o Alto da Cabrita

Não cabe dúvida que o ar das montanhas abre o apetite, assim que, se não vos conformais com chuchar da flor do senécio (*Senecio adonifolius*, à esquerda), não vos esqueçais de levar algo para jantar durante um alto no caminho

Se nunca tivestes ocasião de ver um fiteuma (*phyteuma hemisphaericum*, à direita), a elegância das suas flores e o brilho e textura da sua cor não vos deixarão indiferentes



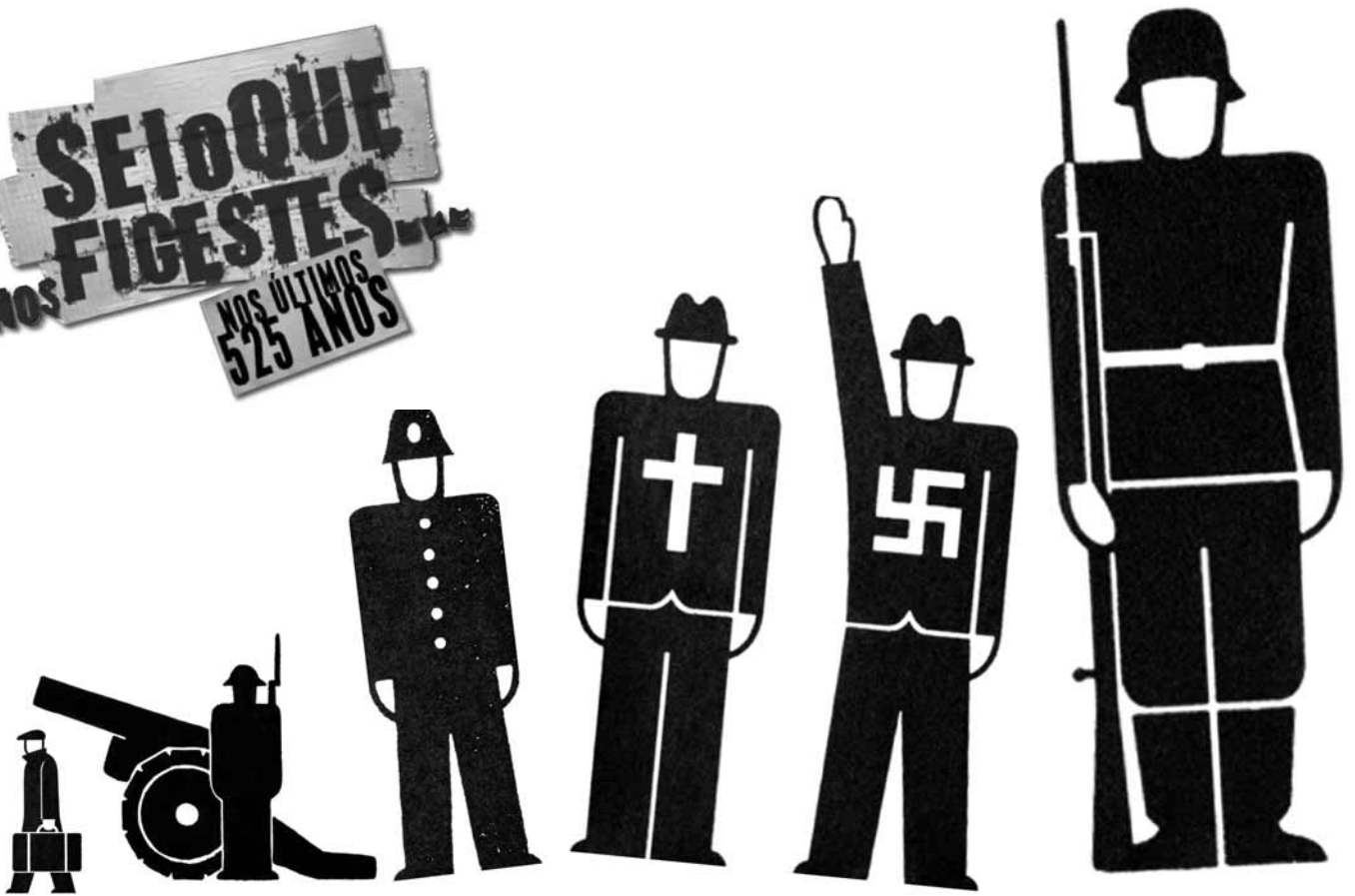
A campainha (*Campanula rotundifolia*, à esquerda) e uma flor habitual da zona

No centro, a *Gentiana lutea*, variedade aurantiaca, popularmente conhecida como gença, argençana ou genciana, é das espécies vegetais mais características deste maciço. Os vizinhos de Carvalheda do Vale d'Eorras subiam ao monte apanhar esta planta, empregue na medicina popular pelas propriedades anti-inflamatórias, anti-sépticas e digestivas, entre outras, da sua raiz. Como curiosidade, dizer que também se usa como componente de bebidas tónicas amargas, como o vermute ou o bitter

A *Klasea legionensis*, à direita, é também muito abundante nestes montes, e dá ao aspecto das lombas verdes um formoso toque morado que alegra a vista aos caminhantes e o padal às borboletas



**SEI O QUE
FIGESTES...**
NOS ÚLTIMOS
525 ANOS



Na fria manhã do 17 de Dezembro de 1483, a cabeça de Pero Pardo de Cela, que acabava de ser decepada do seu corpo, começou a rodar pelas escadas da praça da catedral de Mondonhedo. O carrasco dos Reis Católicos tentou pará-la, mas a cabeça virou sobre si mesma, ganhou velocidade e, ainda hoje, 525 anos mais tarde, continua a rebolar como um vertiginoso espectro pelas corredoiras e pelas auto-estradas da Galiza.

A cabeça do velho e carrancudo marechal anda amolada nos últimos tempos. A mocidade galega, que já fala maioritariamente em castelhano, celebra na rua as vitórias da selecção espanhola de futebol. Ciclistas e modistas assinam manifestos «por la lengua común». Até os filhos dos nossos próceres castelhanizam os seus nomes para que os entendam no Starbucks! No entanto, o galeguismo, desnordeado e claudicante, aferra-se às faragulhas do poder institucional. Os ventos da história semelham propícios ao projecto pequeno-imperial encetado por Isabel de Castela há 525 anos. Como diriam num célebre episódio de Star Trek, «(Galician) Resistance is futile».

É bem assim? É a futilidade o desígnio de toda resistência? Em tal caso, sejamos conscientemente fúteis! Na linha subversivo-esmorgueira marcada polos esquitos cadáveres da Via Anti-Colonial Activa (VA-CA), a Conspiradora Anti-Colonial Armada (CA-CA), os Aduaneiros sem Fronteiras, a Frente Retranqueira Anti-Colonial (FREAC) e, mais recentemente, as iniciativas ridiculistas de Tan Gallego como el Gazpacho, proclamamos a Resistência Fútil contra a colonização mental do Império Pequeno.

O pretexto é, mais uma vez, a comemoração de uma efeméride: os 525 anos do que Castela, citando (livremente) os Anais de Aragom de Jerónimo Zurita, denominou a «doma e castração do Reino de Galiza». Um processo de centralização política que podemos acoutar simbolicamente entre duas datas: o mês de Dezembro de 1483, em que o rebelde Pardo de Cela foi decapitado «por cruel e poderoso», e o mês de Novembro de 1486, em que os Reis Católicos vinhérom comer uma mariscada a Santiago de Compostela, capital duma Galiza já submissa ao poder real. Portanto, e se nom nos dá antes a Frouxeira, serám três anos (2008-2011) para comemorar (e bebemorar) a tradição e a mitologia galeguista em clave pop e renovar os nossos votos a favor de Joana, a rainha que para os espanhóis é «la Beltraneja» e para os portugueses é «a excelente Senhora».

Utilizaremos as mesmas armas que os nossos colonizadores. E com isto nom estamos a referir aos anti-distúrbios, senom à retórica e a gramática da imprensa rosa e os programas do coração que, a dia de hoje, constituem um dos principais e mais eficazes agentes espanholizadores. Daí o nome da nossa plataforma: «Sei o que nos figestes... nos últimos 525 anos». O sítio Web www.seioque.com será o nosso órgão de comunicação e servirá para centralizar as nossas actividades. O humor, a paródia, a substituição simbólica e o surrealismo político serám o nosso castelo roqueiro frente ao pequeno-imperialismo espanhol.

Viva Galiza ceive, cruel e poderosa!

**FIESTA
ESPANHOLA**

ORGANIZA:



COM A COLABORAÇÃO DE:



Sábado 11 de OUTUBRO no C. S. O Pichel